

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

PESOS DE PESCA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS): ESTUDO COMPARADO

João Luís Cardoso ⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

No decurso das escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia, desde 1983 até ao presente, têm sido recuperados diversos artefactos cuja funcionalidade ainda não se encontra devidamente discutida, facto em parte resultante da sua raridade. Estão neste caso os que serão tratados no presente estudo o qual se encontra, deste modo, justificado pelas considerações e conclusões obtidas e apresentadas.

2 - INVENTÁRIO, CONDIÇÕES DE JAZIDA

Os três artefactos em causa provêm da Camada 2 atribuída, na sequência estratigráfica geral definida na estação, ao Calcolítico pleno (CARDOSO, 1994, 1995). Trata-se de peças globulosas, caracterizadas pela existência de um sulco, ou depressão, com o objectivo evidente de promover a sua melhor fixação. As características de cada uma delas, bem como as condições em que foram recuperadas, apresentam-se de seguida (ver localização respectiva na Fig. 1):

1 - Fragmento de seixo rolado de calcarenito, achatado, incompleto em cerca de um terço do seu volume inicial. Mostra vestígios de percussão em toda a periferia primitiva do seixo e exhibe um sulco mediano, obtido por picotagem, correspondente ao eixo menor, executado em ambas as faces (Fig. 2, nº. 1); peso 142 g. Referência - Lc/86; P; C2.

2 - Peça ovóide, totalmente afeiçãoada por picotagem muito fina em um dos lados, sendo o outro mais irregular, ostentando um sulco longitudinal em ambas as faces, mais acentuado na que possui maior afeiçãoamento. Trata-se de volume de calcário regularizado, não se confundindo com seixo natural (Fig. 2, nº. 2); peso 246 g; (CARDOSO, 1989, Fig. 103, nº. 5). Referência: Lc/86; QII 8; 9; C2.

3 - Seixo rolado de basalto, munido de um sulco longitudinal em apenas uma das faces, mais acentuado em uma das extremidades; tal como os anteriores, tal sulco foi obtido por picotagem (Fig. 2, nº. 3); peso 323 g. Referência: Lc/95; A norte de MM; C2.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

3 - COMPARAÇÕES, DISCUSSÃO

Dos três artefactos descritos, considera-se o segundo exemplar o mais característico, por ser o único a exhibir um afeiçoamento total, a partir de bloco irregular, tendo em vista a obtenção de forma ovóide pré-estabelecida, que os dois restantes já possuíam naturalmente, tratando-se de seixos rolados. A escolha da matéria-prima não terá sido também aleatória: com efeito, o calcário é a rocha disponível localmente de mais fácil trabalho, devido à baixa dureza; o basalto, mais duro, é menos apto à execução de sulcos, por picotagem, para o que seria necessário recorrer a pontas de rochas ainda mais duras, de sílex ou de anfibolito. Seixos de calcário e de basalto abundam no leito da ribeira de Barcarena, onde teriam sido recolhidos os dois exemplares em causa. Foram, pois, objecto de afeiçoamento sumário e por isso considerados menos representativos que o anteriormente referido.

Artefactos análogos foram recolhidos em diversas estações pré-históricas estremenhas e alentejanas. Do próprio povoado pré-histórico de Leceia já se conhecia outro exemplar, outrora recolhido por Joaquim Fontes, idêntico ao melhor afeiçoado (Fig. 3, nº. 3). Foi reproduzido por VASCONCELOS (1922, Fig. 46), que sugere a sua utilização como clava ou maça. O mesmo autor, anteriormente, tinha já noticiado um outro artefacto do mesmo tipo (Fig. 3, nº. 1), oriundo do povoado pré-histórico da Vinha da Póveira, Sines (VASCONCELOS, 1914, p. 320 e 321, Fig. 54); acerca da respectiva funcionalidade, o autor declara (p. 320, 321): “O sulco ere evidentemente para que a pedra se fixasse por uma correia ou tira. A pedra, assim fixa, que serventia poderia ter? Martelo? Não, porque não há nela vestígios de percussão. Pêso? Parece-me isso pouco provável, porque o objecto seria luxuoso de mais, isto é, custoso de fabricar. Arma? É o que creio que era”. Em abono desta hipótese, invoca, entre outras, a opinião de CARTAILHAC (1986, p. 127, 128, Fig. 174). Com efeito, este autor reproduz objecto, proveniente da gruta II de Palmela e conservado no Museu do Instituto Geológico e Mineiro (Fig. 3, nº. 5). Porém, não é de quartzito como afirma Cartailhac no que é seguido por CRUZ (1906, p. 95) mas de calcário, o que constitui mais um elemento de semelhança com os artefactos de Leceia. A peça de Palmela volta a ser apresentada por LEISNER (1965, Tf. 98, nº. 2) sendo reproduzida neste estudo na Fig. 3, nº. 4.

Sobre a respectiva funcionalidade, CARTAILHAC (*op. cit.*, p. 128), que também admite a sua utilização como percutor, declara: “Nilsson signale une pièce semblable pour la forme et la dimension, et la considère comme un poids de ligne. On pourrait songer aussi aux *bolas* de l’Amérique du Sud qui sont enlacées à l’extrémité d’un lazzo”. Leite de Vasconcellos, considera-os, dentro do grupo das armas, como objectos de percussão funcionando como maças ou clavas, hipótese que, tendo apresentado no estudo de 1914, volta a defender no de 1922. O exemplar da vinha da Póveira volta a ser reproduzido por SILVA & SOARES (1979, Fig. 9) sem lhe atribuírem qualquer finalidade específica. Mencionam, no entanto, a sua semelhança com uma peça recolhida no povoado do Pedrão, Setúbal, que atribuem ao Calcolítico inicial (SOARES & SILVA, 1975, Est. 12, nº. 151). É de calcário, ou arenito calcário de grão fino, não sendo propriamente polido, visto a superfície se apresentar áspera; por estas características, aproxima-se singularmente, conjuntamente com o da gruta II de Palmela, e o de Sines, do exemplar mais afeiçoado de Leceia (Fig. 3, nº. 6). Os autores atribuem-lhe, com reserva, a função de martelo (p. 109), acrescentando que ALMAGRO-GORBEA (1973, p. 268), ao se debruçar sobre o exemplar citado da gruta II de Palmela, o considerou como “ídolo ovóide”. Ao mesmo objecto tinha sido anteriormente atribuído “uso indeterminado” (CRUZ 1906, p. 95 e Est. VII, nº. 61).

Do ponto de vista morfológico, a peça de Palmela, bem como as de Leceia, tanto as de sulco longitudinal como a que o apresenta transversal, possuem, nos exemplares escandinavos figurados por NILSSON (1868, Pl. II, nº. 32 - 34) os melhores paralelos extra-peninsulares compulsados (Fig. 3, nº. 2). Com efeito, aquele autor publica diversos exemplares, em que a posição dos sulcos é variável, podendo até ser múltiplos, por ele considerados como pesos de linha usados na pesca (*op. cit.*, p. 43). Esta é, com efeito, a opinião julgada mais adequada, como procuraremos adiante demonstrar.

Em resumo, compulsaram-se os seguintes paralelos para o exemplar de Leceia que ostenta trabalho de afeiçoamento em toda a superfície e, por isso, considerado o mais representativo deste tipo de artefactos (Fig. 2, nº. 2):

- de Leceia, um outro exemplar, recolhido por Joaquim Fontes, estudado por VASCONCELLOS (1922, Fig. 46), sugerindo a sua utilização como clava ou maça (Fig. 3, nº. 3);

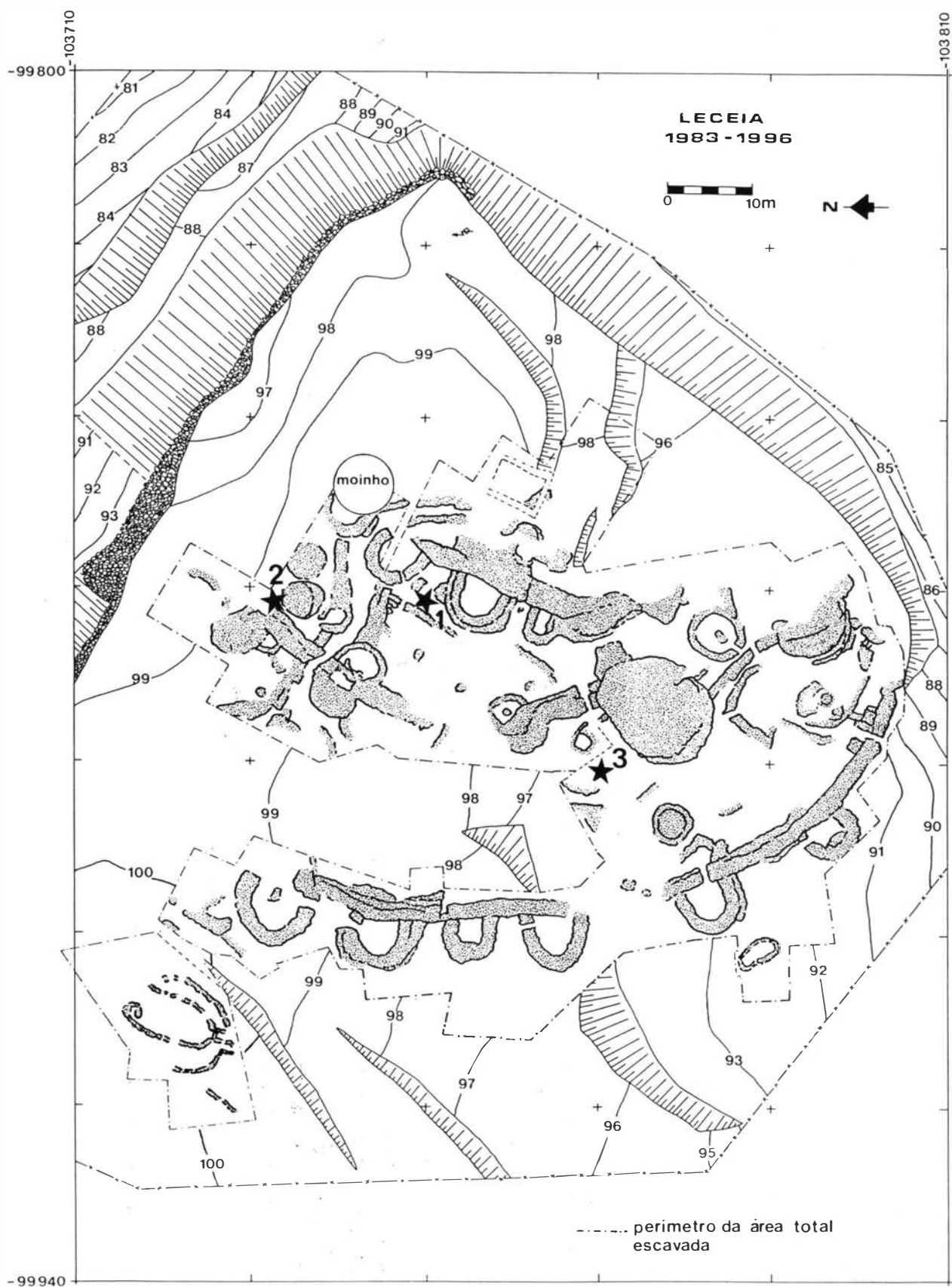


Fig. 1 – Povoado pré-histórico de Leceia. Planta simplificada da área escavada, com localização das peças estudadas.
1 - Casa P, C.2 (Fig. 2, nº. 1); 2 - Q II, 8, 9, C.2 (Fig. 2, nº. 2); 3 - a N. de MM, C.2 (Fig. 2, nº. 3).

- da Vinha da Póveira, Sines, um exemplar estudado por VASCONCELLOS (1914, p. 320 e 321, Fig. 54), atribuindo-lhe também a referida utilização; SILVA & SOARES (1979, p. 26, Fig. 9) não se pronunciam sobre a finalidade desta peça (Fig. 3, nº. 1);

- da gruta II de Palmela, um exemplar considerado por ALMAGRO-GORBEA (1973, p. 268) como “ídolo ovóide”; CRUZ (1906, p. 95) classificou-o como “de uso indeterminado”; CARTAILHAC (1886, p. 127, 128) sugere a sua utilização como “bola”, para a caça, como percutor, ou como peso de linha para a pesca, seguindo Nilsson (Fig. 3, nº. 4 e 5);

- do povoado do Pedrão, Setúbal, um exemplar classificado, com reserva, como martelo (SOARES & SILVA, 1975, Est. 12, nº. 151), representado na Fig. 3, nº. 6.

Discutamos, uma a uma, as referidas atribuições funcionais:

1 - Ídolos - Crê-se que é hipótese a rejeitar; para além de aspectos formais, a contraprova reside no facto de a quase totalidade de tais peças provir de zonas domésticas e não sepulcrais, contrariamente ao que se verifica com a distribuição daqueles artefactos;

2 - Martelos - é outra funcionalidade que se rejeita; com efeito, os vestígios de percussão que se esperariam encontrar em tais peças são excepcionais: apenas um exemplar incompleto de Leceia os ostenta (Fig. 2, nº. 1), em toda a periferia do fragmento conservado, incluindo a zona do sulco, o que demonstra terem sido produzidos no decurso da reutilização do objecto, como percutor. Por outro lado, a quase totalidade das peças é de calcário, rocha branda sem as características requeridas ao uso como martelos. Não se confundem, por isso, com os numerosos martelos, de seixos rolados de quartzito, usados em minas da Idade do Bronze, usualmente com as extremidades massacradas pelo uso, ao contrário do que se verifica com estes, sem vestígios de percussão. Acresce, enfim, que nos martelos o sulco é transversal, enquanto neste é, regra geral, longitudinal.

3 - Armas (maças ou clavas) - trata-se de utilização possível. Porém, neste caso, seria legítimo esperar que a fixação ou se fizesse através de sulcos muito mais cavados que os observáveis, por forma a assegurar a adequada fixação de tais peças - sujeitas a esforços elevados - aos cabos respectivos, ou que, em alternativa, aquela fixação fosse efectuada através de perfuração, como todos os exemplares que comprovadamente serviriam a tal finalidade, até ao presente conhecidos no Neolítico e Calcolítico do actual território português (SANTOS, 1971; CARDOSO *et al.*, 1995).

4 - Peças de arremesso (“bolas”) - esta hipótese, que atribuiria a estas peças função na captura de animais, como na Argentina, encontra-se prejudicada indirectamente por diversos argumentos: primeiro, o uso destes artefactos é, na América do Sul e na actualidade, feito por cavaleiros; ora, no Calcolítico inicial ou pleno, a que pertencem todos os exemplares cuja cronologia é susceptível de ser detalhada, ainda não se teria efectuado a domesticação do cavalo; por outro lado, a prática de tal técnica cinegética requiere a existência de vastos espaços abertos e aplanados, condições que não se verificariam na região de Leceia. Tais considerações invalidam, pois, a referida hipótese, por nós anteriormente admitida (CARDOSO, 1989, p. 106).

5 - Foi deixada intencionalmente para o fim a hipótese que se afigura mais adequada para estas peças, até por exclusão das anteriormente discutidas: a de terem funcionado como pesos.

Esta hipótese, de todas as apresentadas pelos diversos autores que anteriormente ao assunto se dedicaram, foi a que mais discretamente se discutiu; com efeito, apenas CARTAILHAC (1886, p. 127, 128) e, depois, CRUZ (1906, p. 95), este último retomando integralmente a hipótese emitida pelo primeiro, se referem à opinião de Nilsson segundo a qual seriam pesos de linha (NILSSON, 1868, Pl. II, nº. 32-34 e p. 43, considera exemplares análogos, explicitamente, como pesos de linha para a pesca). Provavelmente de forma independente, KELLER (1878) chega à mesma conclusão a propósito de exemplar oriundo de povoado lacustre da Suíça (Pl. CLIII, nº. 2), igualmente provido de um sulco a toda a volta. Aceitando tal hipótese, resta, porém, uma questão em aberto: tais pesos seriam utilizados em teares ou na pesca? E, nesta última hipótese, não seria igualmente legítimo considerar a sua utilização como pesos de rede e não simplesmente de linha?

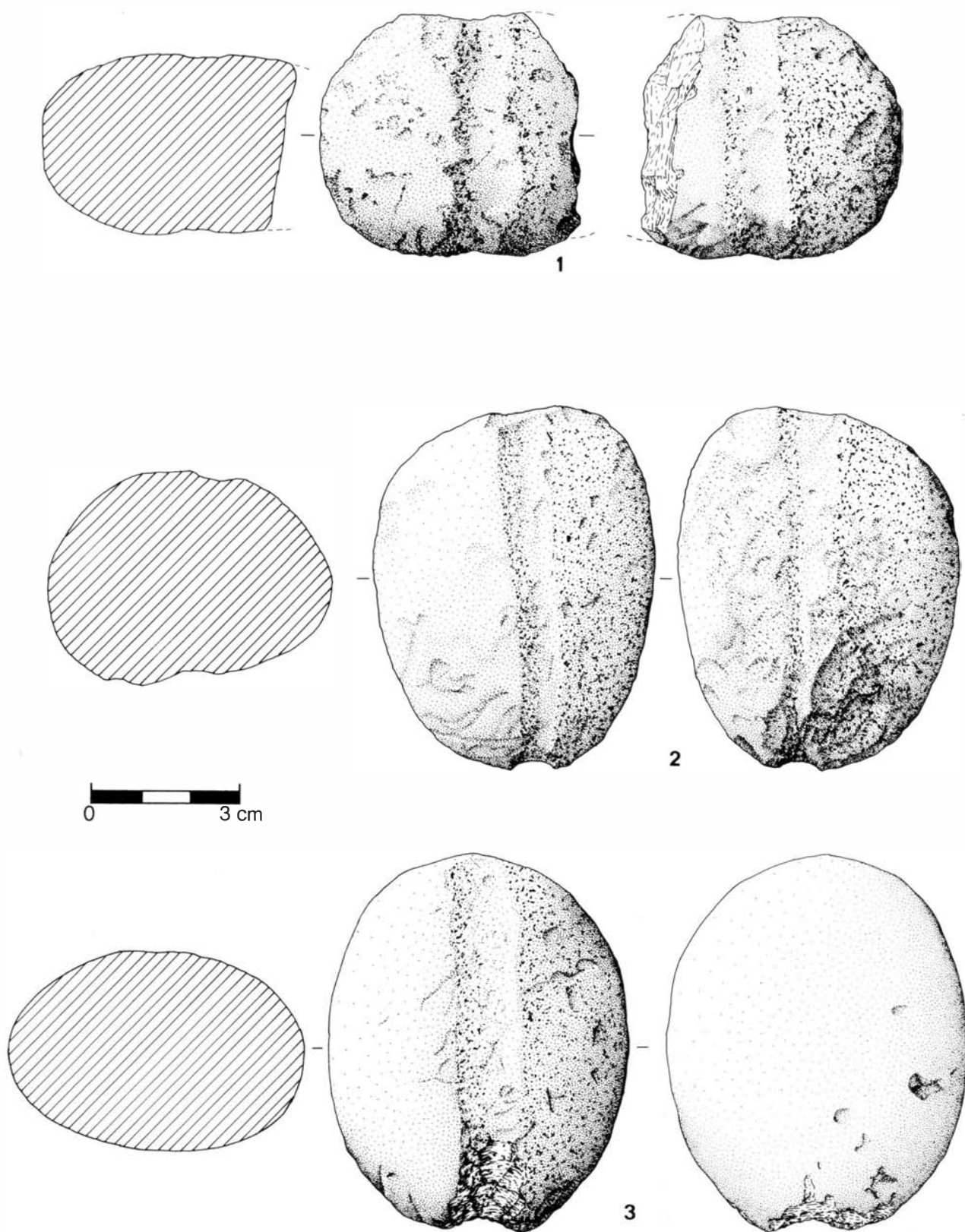


Fig. 2 – Pesos de pesca de Leceia. 1 - Lc/86. Casa P, C.2; 2 - LC/86. Q II 8; 9 - C.2; 3 - Lc/95. A norte de MM, C.2 (Calcolítico pleno). Para localização na estação, ver Fig. 1.

Rejeita-se a hipótese de serem pesos de tear: com efeito, no Calcolítico inicial e, sobretudo, no Calcolítico pleno, a que pertencem os três exemplares de Leceia, são frequentes os pesos de tear de barro cozido, rectangulares, com perfurações nos quatro cantos (CARDOSO, 1989, Fig. 124, nº. 1, 6 e 8; CARDOSO, 1994, Fig. 126, nº. 4), muito mais fáceis de produzir do que os exemplares líticos em apreço. Tal não invalida, porém, a recorrência a pequenos seixos sumariamente lascados para servirem àquele fim, em épocas e contextos diferentes, como a seguir se verá.

*
* *

Seixas rolados com entalhes nos topos ou meridianos, para servirem como pesos, na pesca à linha ou com redes, são artefactos bem conhecidos das indústrias epipaleolíticas do litoral norte do País, cuja utilização e fabrico atingiu os tempos actuais ou subactuais. PAÇO (1930a), aquando do estudo da estação de Carreço, refere que ainda então eram utilizados pelos pescadores à linha, para levar o anzol ao fundo, em substituição de pedaços de chumbo, que se perdiam com facilidade: daí o nome de chumbeiras (PAÇO, 1930b), trata-se, pois, de artefactos sobre seixos rolados, utilizados na extremidade de linhas de pesca, com entalhes nas duas extremidades, diferenciando-se, desta forma, dos pesos de rede, cujos entalhes se situariam no diâmetro transversal dos seixos. O referido autor dividiu, segundo informações prestadas por pescadores de Carreço, as chumbeiras em três grupos, a saber:

- as mais pequenas, empregues na pesca de peixe miúdo - “chumbeiras da lucinha”;
- as de tamanho médio, usadas na captura de peixes de tamanho compatível - “chumbeiras da faneca”;
- as maiores, para a pesca de espécies de grandes dimensões - “chumbeiras do congro”.

Enquanto as “chumbeiras da lucinha” possuem dimensões da ordem de 55x42x14 mm, as “chumbeiras do congro” têm cerca de 95x82x33 mm, conforme exemplares reproduzidos pelo autor sendo, portanto, maiores do que qualquer dos exemplares de Leceia, os quais são compatíveis com as “chumbeiras da faneca”.

Do ponto de vista morfológico, a diferenciação dos exemplares com base na posição dos entalhes tinha já sido valorizada por VIANA (1929). Com efeito, o tipo de seixos com entalhes nas extremidades opostas corresponde, segundo refere o autor, às “chumbeiras do congro”. A utilização como “pesos de rede” seria, segundo o mesmo autor comum aos últimos exemplares os mais pesados.

Na Galiza, COSTAS (1929, p. 11) refere as duas utilizações, não valorizando, porém a posição dos entalhes: “Podemos engadir que na citania de Santa Trega aparecen as *poutadas* a par dos *anzós* de bronce e de ferro; e que inda hoxe algúns mariñeros d-ista bisbarra utilizan as *poutadas*, grandes e pequenas, nas suas redes e liñas”. O único critério que o autor considera no estabelecimento das respectivas funcionalidades é o tamanho: assim, as “*poutadas grandes* son as propias das redes pois as pequenas non teñen peso pra as arrastar... As *poutadiñas*, por seu cativo peso, soilo podían ser usadas na pesca con liña”. Porém, não estabelece diferenças de peso que suportem tal distinção funcional.

O assunto volta a ser tratado por MAURY (1976, p. 114), que designa globalmente ambas as categorias por pesos de pesca, embora considere diversos tipos, segundo a forma do seixo e a posição dos entalhes.

O referido autor (MAURY, 1977) valorizou, ulteriormente, o peso dos exemplares, no seguimento da via iniciada por M. F. Costas e A. do Paço na classificação das peças asturienses do mesmo trecho litoral. Assim, considera como pesos de rede os exemplares com peso superior a 250 g. Por seu turno, as chumbeiras estariam representadas por duas categorias: a primeira, com exemplares entre 80 e 100 g e a segunda por peças com cerca de 50 g. Em conformidade, os exemplares de Leceia, segundo este critério, pertenceriam tanto a pesos de rede como a chumbeiras.

O peso não foi factor determinante, para outros arqueólogos, na diferenciação aludida. ROCHA (1905/08, p. 350) menciona exemplares usados como pesos de rede na Idade do Ferro em Santa Olaia, Figueira da Foz, feitos de pequenos fragmentos cerâmicos com dois entalhes segundo o eixo menor (Est. XXVIII, Fig. 249 a 254), justificando aquela atribuição “não só porque alguns estão gastos pelo attrito, como se fossem muitas vezes arrastados sobre areia ou vasa, mas porque ainda hoje os nossos pescadores usam pesos de pedra com o mesmo typo”.

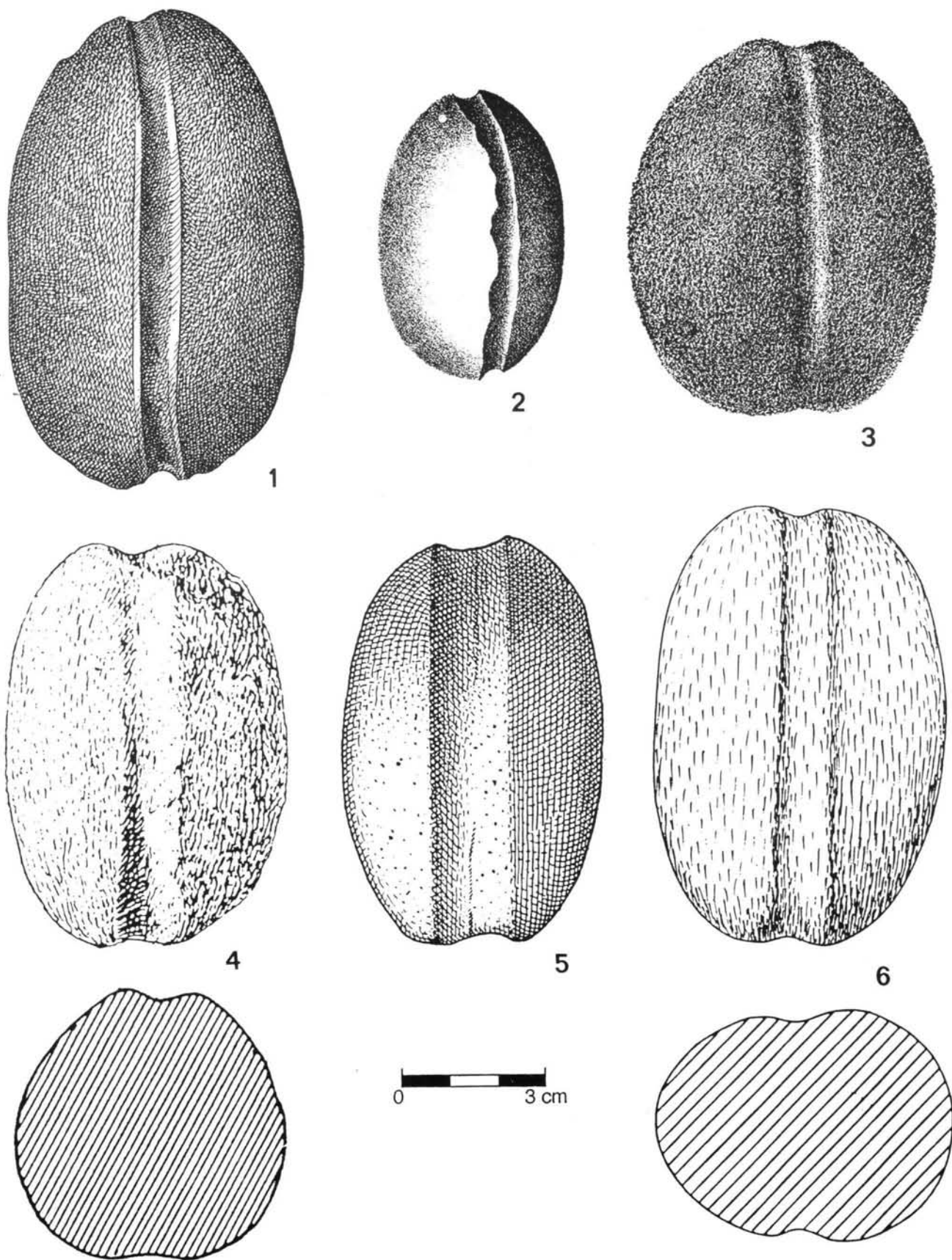


Fig. 3 – Pesos de pesca pré-históricos com sulco mediano. 1 - da vinha da Póveira, Sines (seg. VASCONCELLOS, 1914, Fig. 54; 2 - de Bleking, Dinamarca (seg. NILSSON, 1867, Pl. II, nº. 32); 3 - de Leceia (seg. VASCONCELLOS, 1921/22, Fig. 46); 4 e 5 - da gruta de Palmela (4, seg. LEISNER, 1965, Tf. 98, nº. 2; 5, seg. CARTAILHAC, Fig. 174, mesmo exemplar); 6 - do Pedrão, Setúbal (seg. SOARES & SILVA, 1975, Est. XII, nº. 151).

Enfim, PAÇO *et al.* (1956, Fig. 2 J e L), ao estudarem e figurarem os seixos rolados com entalhes longitudinais de Perre (Viana do Castelo) consideram-nos, em contradição com os seus trabalhos anteriores (PAÇO, 1930 a, b), nos quais fazia atribuir exemplares com entalhes longitudinais a “chumbeiras”, como pesos de rede, referindo paralelos neolíticos da região pirenaica e dos lagos da Suíça.

Outros arqueólogos, porém, desde muito cedo propuseram outras funções para artefactos análogos recolhidos nos castros de Idade do Ferro da região minhota; foi o caso de FONTES (1928), que admitiu que os exemplares encontrados na citânia de Santa Tecla, junto à confluência do rio Minho com o oceano, tivessem servido como pesos de tear, acentuando, contudo, que nenhuma característica morfológica os distingue dos exemplares utilizados para a pesca, recolhidos no litoral adjacente. Parece, contudo, que, na citânia referida, dominaria o talhe segundo o eixo menor (PAÇO, 1930b); este autor considera-as como pesos de tear, enquanto que os seus homólogos do litoral, seriam usados na pesca (indistintamente como pesos de rede e chumbeiras); nestes últimos, pareciam-lhe ser mais antigos os exemplares com entalhes sobre o eixo menor (hipótese que MAURY (1976) não confirmou).

Em outros castros ou citânias do Minho foram igualmente noticiados exemplares líticos com entalhes laterais, segundo o eixo menor. Assim, em Sabroso, SARMENTO (1907, p. 115) recolheu, no interior de uma casa do povoado, cerca de “trinta pedras ovais com dois vergões laterais”, a que não atribuiu qualquer função específica; em Briteiros, exemplares homólogos foram considerados como “pesos de rede de pesca fluvial” (CARDOZO, 1965, p. 45).

Na mesma província, são ainda de salientar os seixos com dois entalhes laterais exumados no povoado do Bronze Final de São Julião, Vila Verde (MARTINS, 1985, Est. XVIII, nº. 48), atribuídos pela autora, indistintamente, tanto a pesos de rede como a pesos de tear (p. 214).

A síntese mais recente sobre a funcionalidade destes seixos com entalhes laterais deve-se a BRANDÃO & LANCHAS (1971). Os autores admitem, como vantajosa à designação de “pesos de rede”, a de (p. 588) “*pesos de pedra com entalhes para pesca*”, pois a sua utilização, na própria pesca, pode verificar-se, para além das redes, também como *poitas e pandulhas* (sendo de dimensões maiores), nas armadilhas de pesca, ou como pedras de arremesso de anzol, na pesca à linha”. Os mesmos autores, neste importante estado, não ignoram, contudo, que (p. 582) “os que se encontram (...) em estações arqueológicas do interior, longe do mar e de rios tiveram outra aplicação: pesos de tear, pedras de arremesso para caça, para ataque, etc.”.

Parece, deste modo, ter-se chegado a um impasse: enquanto que, no litoral, se encontra naturalmente justificada a atribuição de tais artefactos às artes da pesca, nos povoados, a sua finalidade poderia ser múltipla, mesmo naqueles mais afastados do litoral, onde, a par de pesos de tear, poderiam, além dos usos indicados por BRANDÃO & LANCHAS, (1971), também ser usados para a pesca fluvial. Tal diversidade de critérios é ilustrada por dois exemplos, de povoados de altura do interior do território, ambos da Idade do Bronze Final: o Castelo Velho do Caratão, Mação (PEREIRA, 1970, Fig. 8 e 9) e o povoado da Serra Alta, Moura (PARREIRA & SOARES, 1980, Abb. 10).

No primeiro, recolheu-se um conjunto de catorze seixos de grauvaque, todos de pequeno tamanho, com dois entalhes opostos sempre segundo o eixo menor. O maior e o menor pesam 80 g e 25 g, respectivamente, variando os comprimentos entre 7,4 cm e 5,1 cm; foram atribuídos a pesos de rede para a pesca fluvial.

No segundo dos povoados referidos, provêm três exemplares igualmente munidos de entalhes segundo o eixo menor, o maior com 7,5 cm e o menor com 5,1 cm; foram considerados como pesos de tear. Porém, um dos autores deste estudo considerou ulteriormente, como pesos de rede, artefactos idênticos, recolhidos no povoado calcolítico dos Três Moinhos (Beja), situado junto do Guadiana (SOARES, 1992). Trata-se de sete exemplares sobre pequenos seixos de quartzito, de lidito e de xisto, com as dimensões extremas de 70x50x17 mm e 48x35x9 mm. Esta evidente contradição de critérios vem ilustrar a dificuldade sentida na classificação funcional de peças morfológicamente idênticas.

Em quatro povoados do Bronze Final da Beira Baixa – Moreirinha, Alegrios, Monte do Frade e Castelejo – recolheram-se numerosos exemplares, todos executados sobre seixos achatados, mais ou menos rolados, de quartzito,

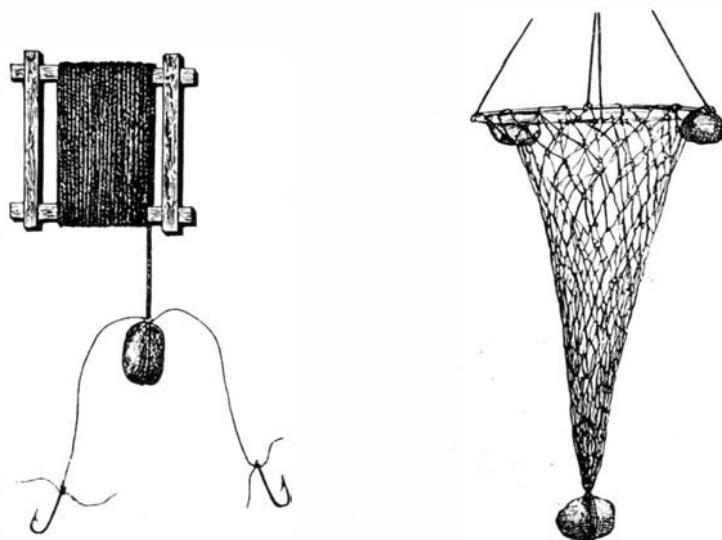


Fig. 4 – Sistemas artesanais de pesca, recorrendo a pesos de pedra, usados no final do século XIX na costa portuguesa (seg. SILVA, 1891). À esquerda: grade e linha do congro; à direita: redefole para a captura do caranguejo.

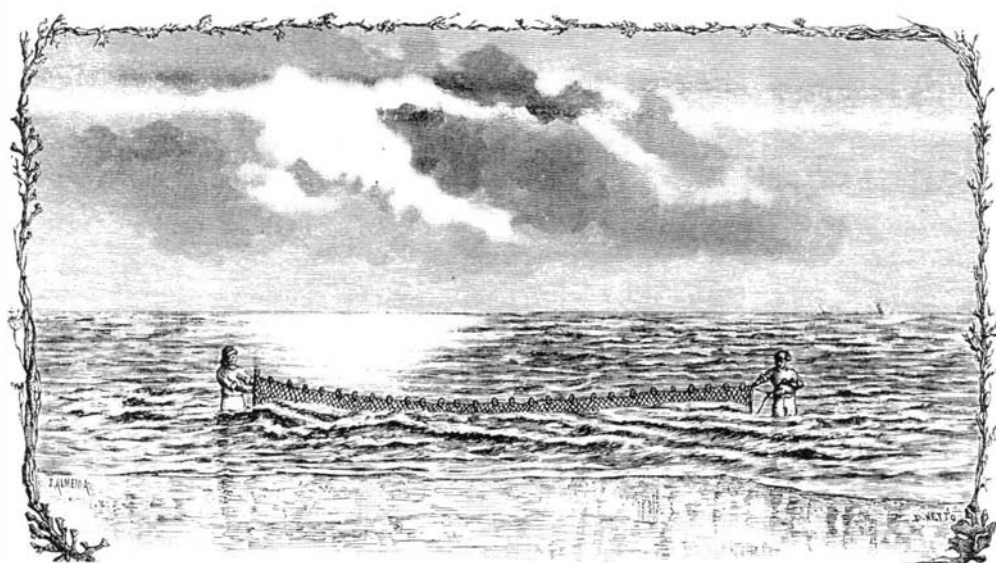
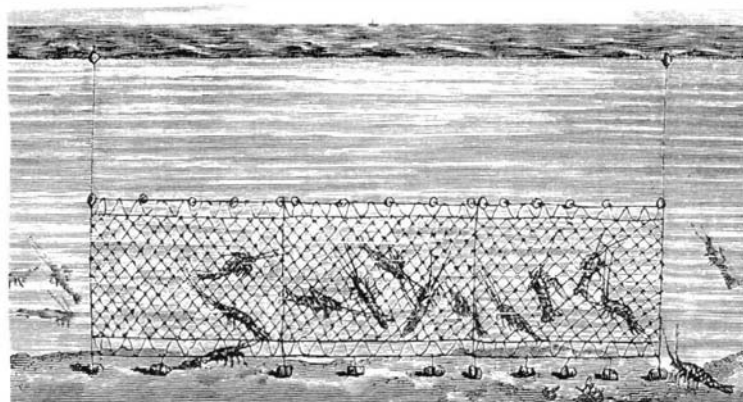


Fig. 5 – Sistemas artesanais de pesca com rede usadas no final do século XIX na costa portuguesa (seg. SILVA, 1891). Em cima: “tralha” das lagostas; em baixo: rede de mão para a pesca na praia. Em ambos os sistemas, era indispensável o uso de pesos, para manter as redes na vertical.

aplito, granito de grão fino, grauvaque e xisto, disponíveis ao longo dos cursos de água da região (VILAÇA, 1995). A autora, porém, considera-os apenas como pesos, não especificando a sua função (de tear? ou para pesca?).

De outras estações do interior, neolíticas e calcolíticas, provêm exemplares análogos classificados como pesos de rede; é o caso do recolhido na anta dos Pombais, Marvão (OLIVEIRA, 1992) ou do proveniente do povoado neolítico-calcolítico do Castelo Velho, também do concelho de Marvão (RODRIGUES, 1975, Est. XXVII). GONÇALVES (1979, Est. XVII) refere diversos exemplares do povoado calcolítico do cerro do Castelo (corte de João Marques, Alto Algarve Oriental) de pequenas e médias dimensões, sobre seixos rolados e achatados de quartzito, com entalhes laterais opostos, considerando-os como pesos de rede. Os mesmos exemplares foram, ulteriormente, considerados pelo autor como pesos de pesca (GONÇALVES, 1991, p. 145) citando paralelos nos povoados calcolíticos de Vidais, Marvão e Alcalar, Portimão. Verifica-se, pois, preferência, por parte dos autores que estudaram este tipo de peças de estações pré-históricas do interior – *sempre com entalhes segundo o eixo menor* – pela hipótese de pesos destinados à pesca fluvial, em detrimento de corresponderem a pesos de tear.

No caso dos exemplares de Leceia, embora morfologicamente diferentes por possuírem sulcos picotados e não entalhes periféricos obtidos por lascamento, as razões que aconselham a negar a última hipótese foram anteriormente apresentadas. A hipótese de serem pesos para a pesca fluvial à linha fica, igualmente prejudicada: mesmo admitindo como provável o maior caudal da ribeira de Barcarena, no decurso do Calcolítico, tal prática dispensaria elementos tão pesados como os exemplares em apreço. Por outro lado, os três anzóis de cobre de grandes dimensões encontrados em Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 108, nº. 15; CARDOSO, 1994, Fig. 135, nº. 9 e 10) documentam a pesca à linha litoral, em pequenas embarcações ou a partir da própria praia. As espécies até ao presente identificadas (ANTUNES & CARDOSO, 1995) – a dourada (*Sparus aurata*) e o pargo (*Pagrus pagrus*) – confirmam a predominância daquele tipo de pesca.

Em finais do século XIX era ainda frequente o uso de pesos de pedra em diversos aparelhos de pesca à linha. SILVA (1891, p. 203) figura-os, fixados pelo seu diâmetro maior, para a pesca do congro (Fig. 3, nº. 2), em fundos de rocha até 60 braças de profundidade, utilizando dois grandes anzóis; os mesmos pesos eram usados na pesca do ruivo, em aparelhos com quatro anzóis menores.

Ainda hoje, na Costa da Caparica, se pratica pesca à linha, a partir da praia, nos dias de mau tempo em que as embarcações não podem sair para o mar, recorrendo a pesos de chumbo com cerca de 800 g – muito mais pesados do que os utilizados no litoral minhoto – lançados manualmente, para a pesca de pregados, robalos e sargos.

Os exemplares de Leceia – especialmente o que possui sulco transversal – poderiam também usar-se em redes, tanto mais que se verificam sobreposições nos valores dos pesos de exemplares comprovadamente usados de ambas as maneiras, segundo elementos actuais os subactuais. Muito embora o uso de redes, no Calcolítico de leceia, careça de demonstração, são de considerar os numerosos sistemas primitivos, em pleno uso ainda em finais do século XIX no litoral português, descritos por SILVA (1891). Avultam as redes de emalhar com uso de pedras na tralha inferior, assentes no fundo; trata-se da “rede das pescadas”, usadas do Minho à Ericeira, em profundidades de 50 a 70 braças, respectivamente no Verão e no Inverno e da “rede petisqueira” idêntica à anterior e usada no mesmo trecho litoral, mas em que as pedras se encontram substituídas por chumbadas, usada para a captura de linguados, ruivos, cações, etc. Para latitudes inferiores à Ericeira não se usavam, devido à maior profundidade dos fundos, e a outras tradições piscatórias, sendo aí substituídas pela pesca à linha (SILVA, 1891, p. 193). Mais perto do litoral, usavam-se outras redes de emalhar (*rasca* do alto e *rasca* das lagostas), com pedras na tralha inferior, assentes no fundo, destinadas à captura da raia, da caneja, e da lagosta. O primeiro tipo era usado em profundidades de 18 a 20 braças, destinando-se o segundo à captura da lagosta (Fig. 5), em fundos pedregosos de 10 a 15 braças de profundidade, do Minho ao Douro e de Buarcos a Setúbal. Salienta-se que, em todos os tipos de rede referidos, os pesos são sempre fixados pelo eixo menor. A pesca à rede poderia fazer-se na própria praia, apenas por dois homens como é indicado na Fig. 5.

Há, ainda, a considerar, o uso de pesos de pedra em armações fixas ou móveis, como os *botirões*, muito vulgares no final do século XIX em rios e estuários e os *redefoles* (Fig. 4), usados para a captura do camarão ou do caranguejo (SILVA, 1891); nada impede de aceitar tal finalidade para qualquer dos exemplares de Leceia em apreço, apesar de não se terem até ao presente recolhido na estação restos faunísticos de crustáceos que a suportem.

4 - CONCLUSÕES

1 - Neste trabalho estudam-se três artefactos globulosos, recolhidos em Leceia, caracterizados pela existência de sulcos, obtidos por picotagem com pontas duras, provavelmente de sílex. Dois deles são sobre seixos rolados: um de basalto, com sulco longitudinal e outro de calcarenito, com sulco transversal. O terceiro, de calcário, ostenta trabalho de fina picotagem na maioria da superfície, conferindo-lhe aspecto elipsoide regular; por tal motivo, foi considerado como o mais característico; um sulco longitudinal percorre as duas faces. Todos eles provêm de contextos do Calcolítico pleno, correspondente à terceira fase cultural identificada em Leceia.

2 - O exemplar considerado mais característico (Fig. 2, nº. 2) integra um grupo muito homogéneo de artefactos, representado pelas seguintes ocorrências: um exemplar de Leceia (outrora recolhido por J. Fontes); um exemplar do povoado pré-histórico do Pedrão (Setúbal) em contexto do Calcolítico inicial (1 ex.); um exemplar da gruta II de Palmela, em contexto calcolítico (1 ex.); e um último povoado da Vinha da Póveira, Sines (1 ex.).

3 - Foi discutida a respectiva funcionalidade; de entre as várias hipóteses suscitadas aos diversos autores, a saber: ídolo; martelo ou percutor; maça ou clava; de finalidade desconhecida; como “bola” de arremesso; ou peso, considerou-se mais provável esta última.

4 - Aceitando a utilização como peso, admitiu-se, por argumentos que se expõem, depois da comparação com exemplares do litoral minhoto, do Epipaleolítico à actualidade e com outros, do interior do País, do Neolítico à Idade do Bronze, a sua utilização na pesca. Considerando a pesca à linha e com rede, os exemplares em apreço parecem mais adequados à primeira daquelas funções designadamente os munidos com sulco longitudinal, variante a que pertence dois dos três exemplares de Leceia agora estudados e a totalidade dos exemplares calcolíticos referidos em 2. Reforça tal conclusão a existência, em Leceia, de três grandes anzóis de cobre, que confirmam a prática de pesca à linha, bem como paralelos etnográficos subactuais e actuais, do litoral português, que também são apresentados e discutidos. Não se pode, no entanto, afastar a hipótese da sua utilização em redes de pesca, ou em outros aparelhos para a captura de crustáceos, com evidentes paralelos etnográficos actuais ou subactuais.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, M. J. (1973) - *Los idolos del Bronce I hispano*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12. Madrid.

ANTUNES, M. Telles & CARDOSO, J. L. (1995) - Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 187-192.

BRANDÃO, D. de Pinho & LANCHAS, F. (1971) - “Pesos de rede” ou pesos de pedra com entalhes para pesca. Tentativa de sistematização. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 2, p. 581-589.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983 - 1988*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983 - 1993). *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (1), p. 115-125.

CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & NORTH, T. (1995) - O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 97-121.

- CARDOZO, M. (1965) - *Citânia de Briteiros e castro de Sabroso. Notícia descritiva*. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.
- CARTAILHAC, E. (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Ch. Reinwald. Paris.
- COSTAS, M. Fernández (1929) - As industrias líticas d'A Guardia (novas estazóns). *Nós* (separata de 11p.). A Cruña.
- FONTES, J. (1928) - Uma excursão arqueológica à Galiza. *Arqueologia e História*, 5, p. 56-57.
- GONÇALVES, V. S. (1979) - *Megalitismo e inícios da metalurgia no Alto Algarve Oriental. Notas a uma exposição*. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (1991) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Vol. (Vol. 1, Texto; Vol. 2, Estampas). Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa.
- KELLER, F. (1878) - *The lake dwellings of Switzerland and other parts of Europe* - 2 nd. edition (vol. 2), London, Longmans, Green & Co.
- LEISNER, V. (1965) - *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- MARTINS, M. (1985) - A ocupação do Bronze Final da citânia de São Julião, em Vila Verde. Caracterização e cronologia. *Trab. Antrop. e Etnol.*, 25 (2/4), p. 197-240.
- MAURY, J. (1976) - Profil archéologique de l'Asturien du Portugal. *Travaux de l'Institut d'Art Préhistorique de l'Université de Toulouse*, 18, p. 103-138.
- MAURY, J. (1977) - *Typologie et Préhistoire de l'Asturien du Portugal*. Suppl. Series 21. British Archaeological Reports (BAR).
- NILSSON, S. (1868) - *Les habitants primitifs de la Scandinavie*. C. Reinwald. Paris.
- OLIVEIRA, J. (1992) - A anta dos Pombais, Beirã, Marvão (notas de escavação). *Ibn Maruán*, 2, p. 53-90.
- PARREIRA, R. & SOARES, A. Monge (1980) - Zu einigen Bronzezeitlichen höhensiedlungen in Südportugal. *Madrider Mitteilungen*, 21, p. 109-130.
- PEREIRA, M. A. Horta (1970) - *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Câmara Municipal de Mação.
- PAÇO, A. do (1930a) - Estação asturiense de Carreço. *Brotéria*, 10 (3), p. 160-170 e 10 (4), p. 214-220. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 31-48. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1970.
- PAÇO, A. do (1930b) - Pesos de rede e chumbeiras. *Nós*, 12 (78), p. 108-111 e 12 (80), p. 165. Ourense. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 49-57, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1970.
- PAÇO, A. do & QUESADO, A. do Paço (1956) - Estação paleolítica de Perre (Viana do Castelo). *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956), 8, p. 375-385.
- ROCHA, A. dos Santos (1905/08) - Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas visinhanças da Figueira. *Portugalia*, 2, p. 301-356.

- RODRIGUES, M. C. Monteiro (1975) - *Carta arqueológica do concelho de Castelo de Vide*. Junta Distrital de Portalegre.
- SANTOS, M. Farinha dos (1971) - manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 1, p. 95.
- SARMENTO, F. Martins (1907) - Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 24, p. 115.
- SILVA, A. A. Baldaque da (1891) - *Estado actual das pescas em Portugal*. Imprensa Nacional. Lisboa.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1979) - *Pré-história da área de Sines*. Gabinete da Área de Sines. Lisboa.
- SOARES, A. M. Monge (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Beleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*, IX - X, p. 291-314.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 53-153.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1914) - Excursão arqueológica à Estremadura Transtagana. *O Arqueólogo Português*, 19, p. 300-323.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1922) - Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*, 25, p. 288-298.
- VIANA, A. (1929) - A estação asturiense de Areosa - Viana do Castelo. *Portucale*, 2 (7), p. 24-38; 2 (8), p. 185-212. Porto.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. 2 vol. (vol. 1, Texto; vol. 2, Estampas). Trabalhos de Arqueologia, 9. Lisboa.